

# **PARTICIPAÇÃO FEMININA NA VIDA RELIGIOSA NA BAIXA IDADE MÉDIA: A INTRODUÇÃO TARDIA DO MILAGRE NO CULTO MARIANO**

Camila Rabelo Pereira<sup>1</sup>

## **Introdução**

O tema aqui discutido é objeto de pesquisa realizada no interior da Universidade Estadual do Maranhão, através do grupo de Antiga e Medieval intitulado *Mnenmosyne*. A pesquisa desenvolve-se por demanda dos textos trabalhados no grupo de estudo já citado. Metodologicamente trabalhamos com referenciais sob a História de Gênero, como Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva, Joan Scott e Rachel Soihet, que discutem a aplicação da categoria de gênero para os estudos das experiências femininas em sociedade, pois os papéis próprios de homens e mulheres não são estabelecidos biologicamente, mas sim de acordo com o tempo e o espaço histórico, sendo legitimadas pelas instituições e normas vigentes em cada sociedade.

Assim, o estudo de gênero não se justifica apenas quando se resume as reflexões sobre as mulheres ou as relações destas com os homens, mas sim como um estudo que visa a análise de como as diferenças sexuais vão se constituindo e sendo transmitidas socialmente e culturalmente, por ser um dos elementos que influenciam nas relações sociais, ou seja, nas significações das relações de poder.

As pesquisas sobre as relações de gênero se configuram como um campo da História Cultural, pois analisam como uma certa visão de gênero será construída, imposta e legitimada discursivamente num determinado grupo em um certo momento. Partimos de uma análise macro, pesquisando e enfocando obras que trabalham com visões sobre as mulheres na Idade Média.

Utilizamos duas obras de Georges Duby, *Eva e os Padres* e *Damas do Século XII*, que focam nas mulheres no século XII, período em que se percebe a valorização feminina. Na primeira obra o autor discute sobre a construção negativa através da imagem de Eva, e a valorização feminina por meio do amor cortês, já na segunda o autor discute a condição das damas, esposas dos senhores, e suas várias facetas e funções desenvolvidas como esposas, viúvas e mães.

Sob a direção de Georges Duby e Michelle Perrot, a *História das Mulheres no Ocidente*, volume 2 – A Idade Média, livro composto de diversos artigos que analisam os vestígios sobre as mulheres durante toda a Idade Média, reavaliando as fontes existentes e introduzindo novos pontos de vista, mudando as perspectivas, abordando como homens e mulheres imprimiram a marca das suas relações mútuas nas fontes.

Pesquisas recentes sobre as questões de gênero como as desenvolvidas pelo projeto *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*, desenvolvido pelo PEM-UFRJ, nos permitem perceber a importância das hagiografias como produto cultural literário que reflete as relações estabelecidas culturalmente.

Com o objeto central do nosso estudo, analisamos principalmente a representação da Virgem Maria, em Portugal no século XIV, através da fonte primária *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*. A referida fonte se encontra no mosteiro de Alcobaça, e foi traduzida por Aires Augusto Nascimento. É uma hagiografia composta de 22 milagres marianos escritos por Afonso X, o Sábio.

Ao centrar a pesquisa no modelo de representação da Virgem Maria, constatamos que apesar do culto mariano já existir, o milagre como característica mariana foi introduzido e ganhou evidência no culto mariano a partir das novas demandas sociais no século XIII, pois Maria passou a ser uma intercessora valorizada, pela sua dupla proximidade: com Deus e com os homens.

Além da valorização da castidade de Maria, também se valoriza o papel de intercessora e de intermediária de Deus junto aos homens, tornando o poder de Deus acessível aos humanos. E, valorizando ainda mais suas características que a tornavam o modelo ideal de mulher a ser seguido.

### **A valorização feminina na idade média**

A História de Gênero é uma das maneiras de indicar as construções culturais sobre os papéis próprios dos homens e das mulheres em sociedade. A abordagem metodológica da história das mulheres sobre o prisma do gênero implica na maneira como a história irá apresentar e incluir as experiências das mulheres em sociedade, pois as experiências femininas dependem da maneira como as relações de gênero foram desenvolvidas culturalmente dentro de cada sociedade em um determinado tempo e espaço.

Os estudos de gênero configuram-se como um campo da História Cultural e detêm-se em discutir como uma dada visão de gênero construiu-se e impôs-se discursivamente num determinado grupo num certo momento, apontando para sua historicidade, desconstruindo-a. Não são sinônimos da História das Mulheres nem da História Social das relações entre os sexos e visam, mas do que descrever e interpretar, analisar e explicar as construções de gênero, que implicam na configuração de instituições, representações e práticas pelas quais os grupos elaboram o masculino e o feminino, legitimando-as; em relações de dominação, em símbolos, em normas, em papéis sociais e em identidades subjetivas e coletivas.<sup>1</sup> (SILVA, 2004, p. 93).

Diante do crescimento dos estudos medievais no Brasil nos últimos anos desenvolveram-se diversas linhas de investigações, uma dessas linhas de investigação é aquela que adota como categoria o gênero. Na presente pesquisa abordamos a categoria de gênero na construção cultural dos papéis próprios das mulheres analisando a literatura medieval.

No estudo dos papéis femininos na Idade Média, coexistem e se sobressaem dois pólos opostos e um intermediário, a mulher essencialmente má (Eva), a mulher perfeita (Virgem Maria) e a mulher arrependida de sua má conduta (Maria Madalena). Esses papéis femininos na cultura cristã, estão respaldados nos textos bíblicos utilizados pelos clericais que buscam fundamento para legitimar a classificação das condutas femininas em personagens bíblicos opostos.

Eva, símbolo da luxúria, representa a imagem negativa das mulheres, que são naturalmente ardilosas, inferiores aos homens. Os escritos eclesiásticos sobre as mulheres reforçavam as malícias femininas e como estas deveriam ser evitadas, pois eram um perigo carnal e espiritual, embora a primeira mulher tenha sido criada a partir do homem, sendo assim parte deste.

Mas apesar disso, as mulheres representariam a parte vulnerável, propiciam aos pecados e são responsáveis pela expulsão do paraíso. Os discursos da inferioridade feminina se baseavam nos legados de teólogos e filósofos como, Aristóteles, São Paulo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino.

Vê-se, então, os padres mais eruditos do século XII postos diante de Eva e suas desditas. Incontestavelmente, ela é inferior a Adão. Assim Deus decidiu. Criou o homem à sua imagem, a mulher de uma parte mínima

do corpo dos homens, como uma impressão sua ou, antes, um reflexo. A mulher nunca é mais que um reflexo de uma imagem de Deus. Um reflexo, como bem se sabe, não age por se mesmo. Apenas o homem está em situação de agir. A mulher, passiva, tem os movimentos comandados pelos de seu companheiro. Essa é a ordem, primordial. Eva abalou-a ao curvar Adão à sua vontade. Mas Deus interveio, recolocou-a em seu lugar e agravou sua submissão ao homem como punição de sua falta. (DUBY, 2001, p. 63).

Outra personagem presente no discurso cristão é Madalena, que representa as mulheres que chegaram à vida religiosa depois de um percurso mundano, ou seja, pecador, mas foi redimida através do amor de Cristo. O isolamento, a contemplação e o jejum, levariam à cura dos males corporais e espirituais, conduzindo a santidade.

Madalena configura-se como uma nova concepção de santidade, que não se identifica com a perfeição inata ou herdada, mas sim com o arrependimento através da procura de Deus. Assim, podemos perceber que Madalena representava uma procura por Deus mais aberta e acessível a todos aqueles que buscassem verdadeiramente o arrependimento, pois estes conseguiriam o perdão divino e a uma vida renovada.

Em ascensão desde o século XII, o culto mariano, revela a vorização das mulheres, e também demonstra a imagem de Maria como modelo a ser seguido pelas mulheres religiosas. Sobre as mulheres religiosas, sabe-se que o movimento de reclusão feminina, com finalidade religiosa acontece desde o século III, com o surgimento dos eremitismo cristão. Porém, depois do ano mil a reclusão feminina como estilo de vida teve um desenvolvimento significativo, especialmente, nos séculos XII e XIII.

Séculos marcados por transformações significativas na economia feudal, processo que levou a uma maior produção de alimentos e, conseqüentemente, favoreceu a um aumento demográfico. As pessoas mais bem nutridas passaram a viver mais tempo.

As conseqüências do crescimento populacional e o processo inicial de concentração de riquezas, tanto no campo como nas cidades, está última em pleno florescimento, gerou uma situação de pobreza, que a caridade cristã, já não conseguia responder de forma satisfatória, deixando assim de corresponder as novas aspirações sociais.

Isso levou as pessoas a procurarem novas formas de viverem a sua fé buscando participação efetiva nas manifestações religiosas, produzindo transformações permanentes na espiritualidade medieval, uma espiritualidade inicialmente laica.

Este período configurou-se como um tempo de transformações que suscitou nos fiéis cristãos um desejo de volta às origens do Cristianismo primitivo, o que se chama, entre os medievalistas, de ideal de vida apostólica, estilo de vida baseado no exemplo de vida de Cristo e dos apóstolos (Igreja primitiva), pela imitação de Cristo e dos apóstolos, através do sofrimento, da espiritualidade e da penitência.

É nesse contexto espiritual que se deve compreender um dos fenômenos mais importantes do século XIII: a entrada maciça das mulheres na vida religiosa, no âmbito de fórmulas muito diversas no plano institucional. Assim muitos mosteiros foram criados, então, por iniciativa de famílias aristocráticas ou principescas, ligados a ordens existentes, como os premonstranos e principalmente as cistercienses. Mas o fluxo das fundações femininas aumentou em tal ritmo que estas não querendo deixar-se dominar pela cura monialium (isto é, a responsabilidade material e espiritual pelas monjas), não tardaram a proibir, a partir dos anos 1230, toda nova associação de um mosteiro de freiras à sua ordem. (VAUCHEZ, 1995, p. 150).

Mesmo que não existissem ordens religiosas propriamente femininas, muitas mulheres levavam a vida religiosa, como reclusas ou monjas. Essas formas de vida religiosa acabavam por privilegiar as mulheres da aristocracia, principalmente as virgens e as viúvas. Pois, para ingressar em um mosteiro a mulher dependia do pagamento de um dote. Já aquelas que não dispunham do dote, serviam como criadas.

Os mosteiros medievais femininos tinham múltiplas finalidades, como citamos acima serviam como um receptáculo de mulheres da aristocracia, especialmente viúvas e aquelas que não encontraram casamento ou que foram repudiadas, mas também, como um local para preservar a virgindade das mulheres nobres, em busca de um bom casamento.

Demonstramos assim as três principais representações femininas que perduraram durante a Idade Média, porém, devemos ressaltar a importância que as mulheres adquirem a partir do século XII, é o resultado da própria conjuntura da época, pois o ocidente europeu sofreu diversas transformações devido ao crescimento econômico, as modificações na composição social, nas relações de produção que permitiram a co-presença do feudalismo e do desenvolvimento urbano, a desagregação dos laços feudais, o florescimento das

idades, o surgimento das universidades, o nascimento de um novo ideal de vida religiosa, a chamada *vita vere apostólica*, inspirada em Cristo e na Igreja Primitiva, a expansão da vida religiosa feminina, a organização interna da Igreja através da Cúria Papal, a efervescência religiosa herdeira da Reforma monástica e do ideal cisterciense.

Fatores que resultaram em mudanças nas aspirações e necessidades religiosas, permitindo uma religiosidade mais participativa, popular, e laica. Tais fatores também viabilizaram o desenvolvimento de um ambiente mais flexível as necessidades femininas, refletindo em todos os espaço.

### **Hagiografia: produto cultural literário**

Os produtos culturais dos tempos medievais, especialmente sua literatura são extremamente reveladores da sua formação social e de sua educação. A literatura como linguagem que expressa aspectos de um período da história, é uma fonte extremamente profícua sobre a vida e a educação dos homens e das mulheres, em uma sociedade marcada pela presença da Igreja Católica como instituição reguladora.

Os elementos presentes nos discursos encontrados através da literatura giram em torno de um centro irradiador dos valores e comportamentos do homem e da mulher feudal: o Cristianismo, que concebeu e delineou, ao longo dos séculos em que ela dominou como principal Instituição normativa o comportamento das sociedades medievais.

A literatura medieval é uma das expressões que nos permitem perceber as possibilidades pedagógicas de formação do homem e da mulher em sociedade. Desse modo, situar a mulher ou o espaço ocupado por ela na literatura, sua imagem e questionamentos através da hagiografia, contribui para compreensão do pensamento medieval e seus resquícios na contemporaneidade.

O culto cristão através dos santos vem desde a Igreja Antiga, porém foi durante a Idade Média, que o culto aos santos ganhou uma maior dimensão, expandindo e consolidando os centros de veneração por toda a Europa ocidental, o que propiciou a utilização e o desenvolvimento das hagiografias, que são pequenas narrativas sobre os santos e o seu culto

Hagiografia é um termo utilizado desde o século XVII, momento em que se iniciou o estudo sistemático e crítico sobre os santos, sua vida e o seu culto, então o termo surgiu para indicar esse novo ramo do conhecimento, como o conjunto de textos que tratam sobre os santos com finalidades religiosas.

Os textos considerados hagiográficos são martirólogos, legendários, revelações (visões, sonhos, aparições, escritos inspirados, etc.); vidas, calendários, tratados de milagres, processos de canonização, relatos de transladação e elevações, a biografia, os feitos ou qualquer elemento relacionado ao culto de um indivíduo considerado santo (a), seja um mártir, uma virgem, um abade, um monge, um pregador, um rei, um bispo ou até mesmo um pecador (a) arrependido (a).

A literatura hagiográfica cristã existe desde a Igreja Primitiva, através de documentos oficiais romanos ou de relato de testemunhas oculares, eram feitos registros das suplicas dos mártires. Mas, a hagiografia desenvolveu-se e consolidou-se na Idade Média, com a expansão do cristianismo e a difusão do culto aos santos no século XIII.

Como literatura pedagógica, as hagiografias difundiam as ações dos santos enquanto eles ainda estavam na terra, como exemplos de vida virtuosa a serem seguidos pelos cristãos. Eram utilizadas para uso litúrgico, leitura privada, e como textos de escola com a finalidade de instruir e edificar os cristãos na fé, fazendo assim a divulgação dos ensinamentos oficiais da Igreja.

Desta forma, tais textos eram extraordinários veículos para a propagação de concepções teológicas, modelos de comportamento, padrões morais e valores, sendo assim um instrumento divulgador do discurso oficial da Igreja Católica durante a Idade Média.

O uso da hagiografia corresponde ao seu conteúdo. Na leitura, é o lazer distinto do trabalho. Para ser lida durante as refeições, ou quando os monges se recreiam. Durante o ano, intervém nos dias de festa. É contada nos lugares de peregrinação e ouvida nas horas livres. Sob estes diversos aspectos, o texto corta o rigor do tempo com o imaginário, reintroduz o respectivo e o cíclico na linearidade do trabalho. Mostrando como, através de um santo (uma exceção), a história está aberta ao “poder de Deus”, cria um lugar onde o mesmo e o lazer se encontram. (CERTEAU, 2007, p. 270)

Assim, as hagiografias são textos doutrinários e propagandistas que exemplificam através da vida do protagonista uma benção alcançada por intermédio do santo, já que, a

vítima sempre se encontra em uma situação adversa e impossível de resolver por vias normais, portanto a protagonista precisa recorrer a uma entidade sobrenatural (normalmente através de um intercessor), e sendo beneficiado com a resolução positiva do problema, em sinal de agradecimento o beneficiado procura narrar, ou seja, criar testemunho do acontecido, além de agradecer no santuário que também irá fazer parte da narrativa.

### **A Virgem Maria: representação feminina privilegiada em Portugal no século XIV**

O culto mariano em Portugal, ganha destaque a partir da festa popular feita em homenagem a Virgem Maria intitulada Nossa Senhora da Conceição, por volta de 1322, além disso os sábados eram reservados ao culto mariano, em honra de Maria, nos cultos lia-se os milagres atribuídos a intercessão dela. acentuaram-se o processo de construções de capelas, abadias em sua homenagem, assim como a produção de cantigas que enalteciam suas características santas.

Na hagiografia *Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense*, os 22 milagres descritos enaltecem características como virgindade perpétua, intercessora privilegiada, humilde no coração, prudente nas realizações, amor a solidão, benevolente com os pecadores, desde que este reze cotidianamente para Maria.

No *prólogo* da fonte primária, em poucas linhas Afonso X, O sábio resume os motivos que o levaram a escrever sobre os milagres marianos. Milagres escritos para a honra da Virgem Maria e de seu filho. Porém, o autor esclarece que os milagres descritos por ele não se compara aos milagres realizados por Deus em favor da Virgem, e dessa em favor de Deus, que seria a permanente condição de Virgem mesmo após o parto.

Os milagres marianos são caracterizados como múltiplos e diversos, mas segundo o autor a intenção é transcrever os milagres encontrados cuidadosamente descritos através de testemunhos de homens de condutas incontestáveis, por isso, são reconhecidamente verdadeiros.

Exemplificando o enaltecimento da Virgem Maria, utilizaremos o milagre número 1, intitulado: *Como ama as crianças inocentes*, “A Virgem Maria, mãe glorioso de Cristo, foi sempre virgem (antes do parto, no parto e depois do parto) e foi elevada ao céu em coros de anjos ao som de cânticos.” (*Milagres Medievais, numa colectânea*



*mariana alcobacense*, p. 65). Este trecho do milagre número 1 reforça e sientiza a condição de virgindade perpétua de Maria, esta formulação tem os seus antecedente no século V, mas a consagração de Maria como Virgem perpétua acontece no II Concílio de Constantinopla de 553, outra afirmativa interessante presente neste trecho é a ascensão de Maria ao céu, explicação utilizada pela falta do corpo físico de Maria, algo que poderia dificultar a peregrinação e o culto mariano, pois a existência do local aonde reside o corpo do(a) santo (a) permite o desenvolvimento da peregrinação.

O milagre narra o processo de construção da basílica erguida na cidade de Constantinopla pelo imperador Constantino, para construí-la trouxeram 2 (duas) colunas de mármore, que por serem pesadas demais (10 pés de diâmetro e 30 de comprimento), os trabalhadores faziam esforços inúteis, afadigavam-se dia após dia, sem nenhum resultado, nenhum mecanismo utilizado conseguia erguer as pedras de mármore.

A Virgem Maria revela para o imperador Constantino através de uma visão, que Ela reconhece o esforço dele e de seus trabalhadores para construirem a basílica em honra do seu nome, por isso, Maria não permitirá mais que estes fiquem parados. Como solução, Maria diz para Constantino escolher três crianças inocentes em idade escolar pois com a ajuda delas poderá conseguir erguer a basílica.

Como nobre imperador e obediente, Constantino segue a recomendação da Virgem Maria, chamando três crianças da escola que erguem com facilidade as colunas para admiração do povo diante de tal milagre. Este milagre revela a preferência da Virgem pelos castos e puros na condução ao reino dos céus. No final do milagre o autor se refere a Cristo Nosso Senhor como aquele que concedeu o milagre, confirmando o papel da Virgem como intercessora. Já que o milagre sempre será realizado por Deus.

Porém, ressaltamos que a característica do milagre foi introduzida tardiamente no já existente culto mariano, pois nos primeiros seis séculos, tanto no Oriente como no Ocidente, os milagres ou fatos extraordinários são atribuídos a santos patronos, mas não a Virgem Maria. O milagre é uma faceta frente às necessidades do homem e das mulheres, tornando-se sinal da presença do sobrenatural em instância reparadora.

Diante da crescente participação feminina nos cultos religiosos a Igreja Católica Romana, acentua o caráter milagroso de Maria – A Virgem, mas este não é o único fator que retarda a introdução do milagre nos cultos marianos, possivelmente a falta de contato direto com o corpo que geraria peregrinações ao local criando condições necessárias para

o milagre não existia. Por isso, desde muito cedo se estabelece a crença na elevação de Maria ao Céu, em corpo e alma.

Devemos nos atentar que de modo algum estava em questão o papel de Maria como intercessora, ou seja, como mediadora de graça, porém, era preciso explicar a ausência de seu corpo, já que na maioria das vezes os milagres estão associados ao corpo, se este não está em nenhum lugar e se os milagres existem há que explicá-los de outro modo.

A Maria é atribuído um papel duplamente eficaz, próxima dos homens (seus filhos) interpreta as situações humanas para as apresentar perante a divindade (de quem está também próxima, porque é Mãe de Deus) e torna-se intercessora e intermediária da divindade junto dos homens, tornando o poder de Deus tanto acessível como adequado às contingências humanas.

A sua intervenção tem nas narrativas uma expressão de agente simultaneamente ativo e interessado, compassivo e eficaz, total e universal (por abranger todas as circunstâncias e todas as oportunidades). Cabe-lhe nessa atuação um dos títulos mais antigos na piedade cristã, que acompanha o da maternidade divina: Mãe de Misericórdia.

Assim, Maria – Mãe de Misericórdia, nos é apresentado como um dos modelos propostos pela Igreja Católica com o intuito de ordenar e coordenar as ações femininas, pois Maria está em uma posição privilegiada e única, nesse plano mediador, sua figura está vinculada a maternidade de Cristo.

Por isso mesmo, ela pode intervir nas situações mais extremas, contanto que haja mantido com Ela um contato afetivo, por diminuto que seja. Se a justiça é atributo de Deus, a Maria pertence a misericórdia.

Um dos principais dos traços do culto mariano é a aproximação, ou seja, a relação estabelecida entre o Maria e o pecador, essa aproximação de contrários se justifica pelo fato do poder decisivo de intercessão junto a justiça divina em favor das fraquezas humanas consolidando a representação da maternidade e da glorificação de Maria, que tem proclamada sua impecabilidade.

Portanto, através do culto mariano presente nas hagiografias podemos traçar um dos modelos propostos pela Igreja Católica, permitindo-nos uma criticidade sobre as diferentes funções das mulheres durante a Idade Média.

## **Conclusão**

As hagiografias são narrativas que revelam traços da mentalidade medieval ocidental, pois o seu caráter popular e sua difusão por todos os estratos da sociedade nos permitem discutir quais as representações sociais a respeito da santidade e de outros aspectos da vida cotidiana que circulavam na Idade Média, nos permitindo assim conjecturar aspectos do imaginário da época e as variações possíveis.

Em relação as representações femininas presentes nos textos medievais, nos deparamos com a tríade Maria – Virgem, Eva – Pecadora, Madalena – Penitente. Não podemos negar a importância de tais modelos e sua presença constante nos textos medievais, principalmente, aqueles produzidos pelos homens da Igreja. Tais escritos tendem a enfatizar a responsabilidade feminina na “Queda” do gênero humano, Eva é um ser pecador, incapaz de resistir a tentação, por isso, ela é inferior e precisa do homem para conduzi-lá.

Ressaltamos também que os modelos estabelecidos na sociedade medieval fazem parte do discurso de dominação e legitimação, constituindo assim relações de forças. Portanto, estudar seu enunciado, transmissão e receptividade nos permitem vislumbrar o sentido daquele discurso na sociedade estudada.

Contudo, a valorização feminina permitiu que a Virgem Maria, se tornasse modelo de conduta para as mulheres que seguiam a vida religiosa e para aquelas que seguiam o matrimônio, pois Maria é santa e mãe. Com o ingresso na vida religiosa as mulheres ganhavam um papel de destaque, pois estas comandavam os conventos e abadias, tornando-se protagonistas da sua história.

Maria – Mãe de Misericórdia, nos é apresentada como um dos modelos propostos pela Igreja Católica com o intuito de ordenar e coordenar as ações femininas. Maria está em uma posição privilegiada e única, nesse plano mediador, sua figura está vinculada à maternidade de Cristo e à compaixão para com os seres humanos.

O milagre como uma das características da Virgem Maria demonstra a expansão da vida religiosa feminina na Baixa Idade Média, onde as mulheres conseguiram maior mobilidade social e física dentro dos diversos modelos construídos culturalmente.

As práticas culturais de veneração a Virgem Maria permaneceram, e perpetuaram características como virgindade, misericórdia, bondade, entre outras, demonstrando a importância social da representação da Virgem Maria em Portugal, que possui uma relação fervoroso com a Virgem Maria, e os seus milagres, percebemos isso na permanência das festas populares e peregrinações em adoração a Virgem Maria.

## **Referências**

### **Fonte**

Milagres Medievais, numa colectânea mariana alcobacense. Edição crítica, tradução e estudo Aires Augusto Nascimento. (Obras clássicas da Literatura portuguesa / Literatura medieval). Lisboa: Edições Colibri, 2004.

### **Livro:**

BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929 -1989): a Revolução Francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Tradução de Maria Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

DUBY, Georges. Eva e os Padres. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Damas do Século XII: a lembrança das ancestrais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade Média, nascimento do ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2006.

Vauchez, André. A Espiritualidade na Idade Média Ocidental: Séculos VIII a XIII. Tradução Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

### **Organização de livro:**

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

### Capítulos de livro

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In.: \_\_\_\_\_ Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (organizadores). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e História Cultural. In.: \_\_\_\_\_ Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (organizadores). Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

### **Artigos:**

SILVA, Andréia Lopes Frazão da. Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de História Medieval no Brasil (1990-2003). In.: \_\_\_\_\_ Caderno Espaço Feminino, v. 11, n. 14, Jan./Jul. 2004.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre santidade, gênero e sexualidade nos textos barceanos. In.: \_\_\_\_\_ Hagiografia & história: reflexões sobre a Igreja e o fenômeno da santidade na Idade Média Central. Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva (Organizadora). Rio de Janeiro: H P Comunicação Editora, 2008.

---

<sup>i</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão –UEMA. Bolsista BIC/FAPEMA/UEMA sob a orientação da Prof. Dra. Adriana Zierer (CECEN/UEMA).